

## **OCUPAÇÃO E MODERNIZAÇÃO: UM ENSAIO SOBRE A HISTÓRIA AMBIENTAL E OS ENTRAVES DO DISTANCIAMENTO GOIANO.**

**Pedro Henrique Pereira<sup>1</sup> (PQ) (IC)\***

**1. Mestrando (UEG)/Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). Bolsista FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás). E-mail: pedro\_henriquephp@hotmail.com**

*Resumo:* O processo de ocupação do Cerrado tem alcançado nas últimas décadas grandes proporções, principalmente no território que corresponde o estado de Goiás. Quando pensamos nas dimensões que esse processo de ocupação representa, podemos analisar a perspectiva demográfica, de ocupar territórios “vazios”, uma medida não somente social, mas que possui a finalidade de incorporar o Centro-Oeste ao panorama econômico de outros estados brasileiros.

O que podemos notar dessa medida, foram os numerosos projetos políticos com o objetivo de uma dinamização do território do Cerrado a fim de tornar este, produtivo à necessidade estatal, correspondendo aos interesses do capital. Entretanto, as diversas motivações que levaram a execução desses projetos, com o intuito de uma integração nacional, utilizaram da retórica desenvolvimentista da produção agrícola e da pecuária como o principal setor a ser incrementado e otimizado na região. Entretanto a discussão desse texto gira em torno dos impactos ambientais e agressões constantes ao Cerrado e seu ecossistema, que são causados em sua primazia pelas técnicas e larga escala de produção que relativamente não priorizam os danos à natureza.

Palavras-chave: Cerrado, Ocupação, Isolamento, Modernização

### **Introdução**

A agricultura e a pecuária enquanto atividades econômicas são indispensáveis na produção alimentícia. Entretanto, as agressões ambientais e a disposição de resíduos agrícolas e animais já tem mostrado alterações ambientais no Cerrado. Tanto a agricultura como a pecuária tem uma necessidade imediata: o espaço físico. Isso faz do desmatamento a primeira consequência prejudicial ao meio ambiente. Com isto o solo desnudo fica exposto à lixiviação superficial, que leva consigo a deposição orgânica de vegetais e sua microfauna associada e também levam a lixiviação profunda, que promove uma lavagem dos nutrientes nas camadas subsequentes, tais processos resultam em empobrecimento do solo e



conduzem o material para áreas mais baixas, que em geral convergem para rios e lagos, que pode acarretar aumento no uso de fertilizantes, desequilibrando o conteúdo de nutrientes no solo e expondo-o a contaminação química (CARVALHO 1999).

A ocupação do Cerrado e sua modernização para produção agropastoril dentro da perspectiva econômica de Goiás do século XX representam vários projetos a fim de tornar a região produtiva economicamente e de incorporar a mesma, às perspectivas progressistas e desenvolvimentistas que tomaram o Brasil desde a primeira metade do século XX. A construção de estradas, a marcha para o oeste, a implantação de colônias agrícolas e até mesmo a SUDECO foram pensadas a partir da ideia de integração nacional. Contudo, se por um lado o investimento desses setores e seus vários projetos significavam a modernização e o desenvolvimento econômico da região, por outro lado também podemos perceber que a agressão e os descuidados ambientais nos demonstram a relação entre homem e natureza, e a relação técnica de como a produção de alimentos, que sugere a garantia de sobrevivência humana, causa a destruição do ecossistema ao nosso redor.

A ocupação da região do Cerrado se deu em dois momentos. A primeira iniciou-se há 13.000 mil anos atrás, provenientes da América do Norte através do istmo do Panamá; e a segunda a 500 anos atrás, por vários pontos da Costa Atlântica. De acordo com Dean, 1996; Miller, 2007 por mais que houvesse diferenças culturais entre indígenas e europeus, nada indica que os indígenas tenham sido preocupados com o meio ambiente, deixando significativas alterações nas paisagens e biomas antes não ocupados por humanos.

A própria ocupação do Cerrado, teve origem na procura por recursos naturais, o ouro. A busca por minas de ouro e riquezas motivou o homem, colonizador a penetrar este bioma afim da sua exploração. Devido às características técnicas do século XVII, período de descobrimento de ouro na região, a maior dificuldade seria “domar” a natureza selvagem do cerrado, como já descrita por viajantes deste século para conquistar seus recursos naturais. A partir deste momento, podemos



analisar as relações produtivas entre homem e natureza, e a luta pela conquista do território.

## Resultados e Discussão

Em uma retrospectiva histórica, a ocupação colonial do território goiano se deu de forma prematura, levando em consideração a dimensão territorial da colônia portuguesa, e o contingente humano que aqui vivia. Podemos imaginar a primeiro momento que a descoberta aurífera estimulou uma movimentação humana insuficiente para a exploração e ocupação da região. Não somente se restringindo a essa necessidade, os investimentos em torno dessa ocupação foram voltados prioritariamente para a produção aurífera, o que em sentidos econômicos, deixou a região dependente durante muitos anos somente desse setor, o que tornou a pecuária e a agricultura de subsistência.

O esgotamento da produção aurífera foi durante muito tempo uma parte da retórica dos historiadores, que pensaram a economia da região goiana como decadente após o fim da extração do ouro em larga escala. A discussão desse termo já amplamente discutido por autores do século XX como Palacin, Bertran e Chaul nos faz imaginar uma região que já após essa queda na produção aurífera, tenta investir e direcionar esforços para reverter esse pessimismo ocasionado pela perspectiva do ouro. Entretanto, com outros olhos podemos ver a ocupação dos sertões goianos como uma luta incessante para vencer a natureza selvagem da região. De acordo com essa perspectiva, podemos imaginar que os mais de duzentos anos de colonização do Brasil e as experiências adquiridas de ocupação de outros biomas ainda não deixaram os colonizadores totalmente aptos para ocupar o Cerrado e tornar este com facilidade a modo de atender às suas necessidades da época.

Durante muito tempo, à distância e as péssimas estradas continuaram no século XIX como fortes argumentos para justificar o chamado isolamento da região, entretanto, segundo o historiador Nasr Fayad Chaul (1997, p. 37) estas estradas não representavam um caminho intransponível, pois vários aventureiros arriscavam os caminhos e obstáculos a fim de buscar o elemento estimulador: o ouro

### REALIZAÇÃO

PRG  
Pró-Reitoria de  
GraduaçãoPRP  
Pró-Reitoria de  
Pesquisa e  
Pós-GraduaçãoPRE  
Pró-Reitoria de  
Extensão, Cultura e  
Assuntos EstudantisUniversidade  
Estadual de Goiás



Inicialmente, de acordo com Bertran, (1994) o tráfego mercantil era monopolizado pela Estrada Real de São Paulo, na qual era feito o pagamento do quinto, contudo, diversas estradas de contrabando foram abertas na região e legalizadas somente em 1735. Já no século XVIII, havia duas grandes estradas que atravessavam o bioma Cerrado, pelas quais circulavam as caravanas em direção ao Rio de Janeiro e, principalmente, à Bahia, para onde convergia a maior parte do ouro goiano.

Vejamos, frente à necessidade da província de Goiás do século XIX em se reorganizar economicamente, havia o entrave do distanciamento, simbolizado pelas péssimas estradas. Contudo, essas mesmas dificuldades também se mostrou presente durante o período de produção aurífera e ainda assim o período foi marcado pela enorme migração humana, vindo de outras províncias da colônia. Dessa maneira, podemos pensar que um grande fator capaz de motivar a dificultosa travessia do Cerrado era a busca por outro recurso natural cobiçado ou de maior valor significativo.

Após o esgotamento da produção aurífera, o antigo fator capaz de romper com as adversidades naturais do Cerrado havia se tornado escasso. Enquanto isso, o trabalho na terra começou a se fortificar na região sul da província, mas vejamos bem, enquanto recursos naturais, a agricultura e até mesmo a pecuária tem um valor econômico reduzido se comparado com o ouro e até mesmo se imaginarmos uma grande produção de excedentes desses setores, a dificuldade do transporte desses produtos era bastante dificultoso, devido às adversidades quase intransponíveis do bioma em questão, o próprio distanciamento de fato e também aos baixos investimentos durante o século XIX para abertura de caminhos terrestres mais eficazes capaz de possibilitar o transporte das mercadorias e fortificar o comércio da região.

Durante o século XVIII a maioria da população da região de Goiás que se dedicava à produção aurífera começa a se dedicar na criação de bovinos, aqui notamos que as condições naturais em algumas áreas do cerrado garantiram que pudessem ser criados gados soltos que sobrevivem em uma pastagem natural encontrado na região.



De acordo com (MASCARENHAS 2008), o bioma Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, ocupando uma área de aproximadamente 2.045.064,8 km<sup>2</sup>, cobrindo além da Região Centro-Oeste, partes das regiões Sudeste, Nordeste e Norte do Brasil, cobrindo 24% do território nacional, sendo que seis das oito mais importantes bacias hidrográficas do Brasil tem suas origens no Cerrado (WATZEN, 2006), destacando-se a Bacia Araguaia-Tocantins e as bacias do Paraná-Paraguai e Rio São Francisco.

A vegetação e o clima únicos da região são bastantes característicos do bioma Cerrado, onde a vegetação está adaptada a longos períodos de estiagem e um clima de estações bem definidas, que permitem durante o ano um período seco e outro chuvoso, onde a maior parte do tempo é seca, salvo os meses de outubro a abril quando começa o período de chuva.

As características das formas fisionômicas do Cerrado dependem de três aspectos: 1)Fertilidade e o correlacionado teor de alumínio (mais alumínio, menos fertilidade); 2)A profundidade do solo e 3)O grau de duração de saturação da camada superficial ou superficial do solo. As fisionomias do Cerrado são classificadas de acordo com EITEN (1972) como:

- Cerradão: composto de árvores de grande porte, com estranho arbóreo geralmente entre 10 e 12 metros, com cobertura fechada ou semi-aberta;
- Cerrado ou Cerrado em sentido estrito, apresentando dois estratos: um arborescente, que pode atingir até 6 metros, e um estrato baixo bem desenvolvido, formado por gramíneas, subarbustos e algumas erva;
- Campo cerrado: forma mais pobre em nível estrutural e florístico, onde os indivíduos do estrato arborescente são mais esparsos, menores e retorcidos, com estrato baixo mais destacado;
- Campo sujo: constituído por um estrato herbáceo bem desenvolvido, composto principalmente de gramíneas, onde se distribuem maneira mais esparsa, alguns arbustos e pequenas árvores;
- Campo limpo: composto por um único estrato, constituído principalmente por gramíneas.



Se por um lado, as questões naturais do Cerrado implicavam uma dificuldade a ser vencido para o sucesso da economia goiana, um grande projeto surgiu, o de aproveitamento dos rios para a navegação, uma oportunidade de superar o mau investimento na construção de estradas melhores no território selvagem e suas barreiras naturais utilizando de outro recurso, a água.

Couto de Magalhães, presidente da província foi um grande entusiasta da navegação, e assim como outros naturalistas europeus do século XVIII mandou que se fosse estudado as condições dos rios Vermelho, Araguaia e Tocantins para que pudesse ser estabelecida a navegação fluvial.

Através da demonstração de dados comparativos, o Presidente da província Couto de Magalhães conseguiu convencer o empreendimento da navegação fluvial através da possibilidade de transportar uma maior quantidade de produtos utilizando os barcos, do que por via terrestre, que demandaria mais custos e tempo. A vontade intrépida de Couto de Magalhães em desenvolver a navegação no Rio Araguaia e seu pioneirismo resultou na encomenda de um barco a vapor em 1868, e após uma cerimônia ao som do hino nacional, foi inaugurado no rio Araguaia, a navegação a vapor. Este momento dentro da realidade goiana é marcado por um forte sentimento de civilização e desenvolvimento, um momento onde seria possível romper com as distâncias e transformar a realidade da capitania que fora indiscriminadamente chamada de decadente após a ausência do ouro.

Uma das razões para o fracasso da Companhia Comercial do Araguaia era o distanciamento dos povoados. Devido à dificuldade de comunicação entre os presídios e a capital, vários fatores culminaram no fracassado de inúmeras instalações, como o presídio de Santa Maria que era constantemente atacado pelos indígenas, até ser estabelecido definitivamente 1861. Neste momento, o interesse em navegar o Araguaia e estabelecer comércio com as províncias vizinhas pareceu ter desaparecido por acreditar-se ser impossível devido às dificuldades, contudo, Couto de Magalhães insiste que a navegação pode ser realizada, demonstrando a vantagem em fazer o transporte fluvial em relação ao terrestre.

Por fim, durante alguns anos a navegação do Araguaia funcionou, mas sempre a um ritmo lento e muito dificultoso. Apesar de muitos incentivos o





aproveitamento da região banhada pelo Rio Tocantins continuou deficitário de meios de comunicação até a segunda metade do século XX, com a abertura da rodovia Belém-Brasília (CARVALHO, 2010).

Embora não tenha sido um sucesso capaz de superar as expectativas e a necessidade da região em melhorar seu cenário econômico, a iniciativa da navegação estimulou que algumas regiões do sul de Goiás comesçassem a produzir excedentes agrícolas e também aumentar a população bovina.

O sucesso da agricultura teve neste momento como um de seus grandes entraves a dificuldade de transportar os excedentes, impossibilitando o crescimento deste setor, entretanto, também justifica a grande quantidade de bovinos na região, uma vez que mesmo o gado sendo lento, ele ainda podia caminhar, dispensando meios de transporte, além de ser criado solto, se alimentar das gramíneas do Cerrado e um único homem pode ser responsável por cuidar de vários animais (ESTEVAM, 2004).

Em sentidos econômicos, após esgotamento aurífero, a monocultura de exportação, o café, sustentou a economia do império, além de alguns outros produtos, como o açúcar e até mesmo ouro, mas em relativa escala de menor expressão. Em Goiás, a produção do café é quase inexpressiva. Entretanto, em outras plantações e lavouras, a região sul foi favorecida pela questão do solo. Os latossolos tratam-se de um solo mineral, homogêneo em cores e profundidade. É também muito ácido, tanto que se faz necessário um manejo adequado na sua correção e adubação de fertilizantes. Ele está presente em boa parte do território brasileiro, em torno de 40%. Existem 4 subtipos de latossolo. Vermelho Distroférico, Vermelho Distrófico, Vermelho-Amarelo e Amarelo. A diferenciação entre os quatro é a formação e a acidez. A região sul de Goiás possui um latossolo vermelho distroférico, possui boa profundidade e boa condição física, o que torna adequado para plantio, favorecendo desde o início das práticas dessa atividade econômica na região, tem-se notado as condições naturais da região.

O trem só irá de fato chegar a Goiás, isto é, em solo goiano em 27 de maio de 1911, com muito custo, deve ser ressaltado. Desde o final do Império, havia-se discussões a cerca da construção das estradas de ferro, quando houve o decreto



em 1873 para o início das obras de construção, contudo, devido há vários entraves como as dificuldades econômicas, e também falta de investidores, somente em 1912 o caminho havia percorrido 80 quilômetros, ligando a cidade mineira de Araguari até Goiandira, segundo (Araújo, 1974).

Nos anos a seguir, o mercado nacional começará a notar a presença econômica de Goiás, não que esta supostamente poderia se destacar, pois era um mercado agrícola e pastoril ainda não desenvolvido aos parâmetros internacionais de produção e tampouco havia indústrias, atividade restringida à região sudeste do país por muitos anos. Mas uma economia que mostra sua força de produção, pois neste período, os pequenos proprietários de terra se especializaram na produção de pelo menos uma lavoura, ou seja, mesmo com as barreiras do distanciamento da região, o excedente regional podia ser vendido, se houvesse transporte que favorecesse os custos do trabalho. Ao contrário do que se costumava pensar sobre um período de decadência pós-produção aurífera e os fortes estigmas de população preguiçosa e desanimada para justificar esta situação, a chegada da estrada de ferro e também de rodovias, justificam-se como processos modernizadores, uma vez que favorece ao crescimento endógeno da região e também o integra ao quadro econômico nacional.

## Considerações Finais

O meio ambiente, o Cerrado passou por esse processo de modernização, sendo estudado e pesquisado, mas não antes de ser explorado. Inclusive, os estudos e pesquisas recentes são voltados aos impactos e em maneiras de reduzi-los, uma ironia, após anos de pesquisa afim de melhor explorá-lo.

O processo de modernização, além de alterar a paisagem, também teve como consequência uma ampla atividade de exploração dos recursos naturais do cerrado, principalmente nos anos mais recentes, onde pesquisas foram capazes de melhorar a condição física de alguns solos do Cerrado, que por serem rasos e ácidos foram corrigidos através de irrigação e escavação do solo.

Este cenário de exploração, e modernização do cerrado será palco inclusive de “confrontos sociais”. Não especificamente embates, mas momentos de





ocupações distintas, a expansão e conquista das fronteiras. Uma marcada como frente de expansão e outra como frente pioneira, um marco teórico que se convencionou chamar de “Expansão de Fronteiras” de acordo com Martins (1997). Sendo que a frente pioneira se define economicamente pela presença do capital na produção e a frente de expansão, como uma concepção que percebe a ocupação do espaço sem mediação do capital. Dessa forma, a chegada dos trilhos em solo goiano marca então a chegada posteriormente dos grandes latifundiários, os projetos públicos de colônias agrícolas, implantação da SUDECO e outros programas que irão interferir no eixo social da região até antes da chegada da locomotiva. O isolamento da região e a posterior aproximação permitiu uma melhor conexão entre Goiás e os outros estados brasileiros, abrindo espaço para uma melhor relação comercial, atraindo investidores públicos e a burguesia industrial frequentemente paulista.

O Cerrado, através das últimas décadas tem sido cada vez mais explorado para fins de expansão da produção capitalista, sendo comum, fazendeiros desviarem o curso natural dos rios para dentro de suas propriedades, além de vários outros danos já mencionados neste ensaio. A total exploração do Cerrado hoje se apresenta como a recompensa injusta de um embate entre o antepassado colonizador e a natureza pelos seus recursos. A luta para “domar” a região que durou séculos de relações sócio culturais e técnicas com a natureza hoje nos permite uma infinidade de possibilidades, mas a custo de uma exploração irregular e destrutiva, o que requer aplicação das leis atuais além de maior fiscalização e principalmente substituição de tecnologias que agredem o meio ambiente por modelos mais sustentáveis.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer principalmente à UEG, aos meus professores e orientadores do mestrado TECCER e também para a FAPEG pelo incentivo à pesquisa.

## Referências



BERTRAN, Paulo. 1988. Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil. Brasília, CODEPLAN, Goiânia, Editora UCG, 140 p.

BORGES, Barsanufu Gomides. 1990. O Despertar dos Dormentes. Goiânia, Cegraf UFG, 128 p. 5.

CAMPOS JR, Paulo Borges. A locomotiva nas fronteiras: o veículo das transformações em Goiás – 1913-1940 / Paulo Borges Campos Júnior. - 2014.205 f.: il.

CHAUL, Nasr Fayad. 1997. Caminhos de Goiás. Da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia, UFG, 247 p

CARVALHO, Francisquinha Laranjeira. Fronteiras e Conquistas pelo Araguaia – Século XIX. Goiânia: Kelps, 2002.

CHAUL, Nasr Fayad; SILVA, Luís Sérgio Duarte da. As cidades dos sonhos. Goiânia: UFG, 2005.

EITEN, G. The cerrado vegetation of Brazil, 1972. In SENSORIAMENTO REMOTO COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE E PROTEÇÃO AMBIENTAL: ANÁLISE DA COBERTURA VEGETAL REMANESCENTE NA BACIA DO RIO ARAGUAIA: Luciane Mascarenhas 14p. 2008.

LUNAS, Divina Aparecida Leonel. (Estado e políticas públicas no território rural do sudoeste goiano – Divina Aparecida Leonel Lunas, Hamilton Matos Cardoso Júnior, Pedro Rogério Giongo Org.) – Goiânia / Kelps, 2017 180 p.: il.

GANEM, Roseli Senna; DRUMMOND, José Augusto; & FRANCO, José Luiz de Andrade Franco. Ocupação Humana e Impactos Ambientais no Bioma Cerrado: Dos Bandeirantes à Política dos Biocombustíveis. In: BRASIL, Vanessa Maria & GANDARA, Gercinair Silvério. Cidades, Rios e Patrimônio: Memórias e Identidades Beiradeiras. Goiânia: PUC-Goiás, 2010, pp. 171-188.

MARTINS, José de Souza. 1975. Capitalismo e Tradicionalismo. São Paulo, Pioneira, 161 p. 11.

\_\_\_\_\_. 1997. A Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo, Hucitec, 213 p.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'ana. **História de Goiás**. 5. ed. Goiânia: Editora da UCG, 1989.

PAULA, J,L. Pecuária Bovina de Corte em Goiás (1940-2009). dissertação ( Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial ) - Pontifícia Universidade Católica. Goiânia, p. 101. 2011.

ROSS, J. L. S. Análise empírica da fragilidade dos ambientes naturais e antropizados. Revista do Departamento de Geografia. n.8, p.63-74. 1994.

Territórios, cidades e cultura no cerrado / Organizadores, Ademir Luiz da Silva; Eliézer Cardoso de Oliveira; Marcelo de Melo. – Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2012. 108p.



V Congresso de Ensino,  
Pesquisa e Extensão da UEG



---

REALIZAÇÃO

**PRG**  
Pró-Reitoria de  
Graduação

**PRP**  
Pró-Reitoria de  
Pesquisa e  
Pós-Graduação

**PRE**  
Pró-Reitoria de  
Extensão, Cultura e  
Assuntos Estudantis



Universidade  
Estadual de Goiás